

NYAH! FANFICTION E AS TRASFORMAÇÕES DO AMOR

NYAH! FANFICTION AND THE TRANSFORMATIONS OF LOVE
NYAH! FANFICTION Y LAS TRANSFORMACIONES DEL AMOR

André Luís dos Santos

Doutorando e Mestre em Comunicação e Cultura pelo Programa de Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, bolsista da CAPES, e-mail: eu@andresantos.jor.br

 0000-0002-7633-1872

Maria Ogécia Drigo

Pós-doutora pela ECA/USP e doutora em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba, líder do Grupo de Pesquisa Imagens Midáticos e docente do Programa em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba. e-mail: maria.ogecia@gmail.com

 0000-0002-5123-0610

Correspondência: Universidade de Sorocaba – Uniso - Sorocaba, SP (SP-270, km 92,5, Vila Artura, SP, 18023-000.

Recebido em: 16.02.2021

Aceito em: 01.03.2021

Publicado em: 01.04.2021.

Este artigo tem como objetivos explicitar como o amor se atualiza em romances produzidos pelos fãs do *Nyah! FanFiction*, bem como avaliar se tal comunidade configura-se como uma Comunidade de Inquirição. Apresentamos reflexões sobre o conceito de Comunidade de Inquirição, proposto por Peirce e sobre as transformações da intimidade na contemporaneidade, com Giddens, as quais também permeiam a análise de um romance via análise de conteúdo, conforme Bardin. O romance analisado amalgama especificidades do amor apaixonado, romântico e puro, e devido à interação empreendida na comunidade, os fãs podem ressignificar suas crenças relativas ao amor.

KEYWORDS: Fan Fiction; Comunidade de Inquirição; Amor; Semiótica; Análise de Conteúdo.

RESUMO

Introdução

A produção amadora de histórias derivadas de livros, filmes, jogos e outro produtos de entretenimento não é uma iniciativa recente, mas permaneceu em um âmbito mais restrito de grupos de fãs e aficionados por ficção, até o surgimento da internet. Com ela, o chamado *Fan Fiction* (ficção de fã) expandiu-se e despertou a atenção da mídia tradicional. Versões iniciais de grandes sucessos mercadológicos como “Os Instrumentos Mortais”, “50 Tons de Cinza” e “After” foram veiculadas primeiro como produções amadoras publicadas na rede. Ao mesmo tempo, grandes editoras e distribuidoras apostam em plataformas abertas de escrita, como o *Wattpad* e *Kindle Direct Publishing*, como as fontes dos próximos sucessos do mercado da ficção.

Da mesma forma, o interesse acadêmico pelo *Fan Fiction* se expande, principalmente na área da educação, encabeçada pelas pesquisas de Rebecca Black (2008) sobre o uso da produção de fã dentro da sala de aula, como método de despertar o interesse pela leitura. No triênio de 2015-2017 – que usamos como levantamento do estado da arte para este artigo –, a pesquisa de Fidelis e Azzari (2016) se destaca ao usar a obra de Black (2008) e de Jenkins *et al.* (2013) para sugerirem uma nova metodologia de ensino da literatura no Brasil, incentivando os alunos a lerem as obras pela ótica do

leitor-fã. Já Melo (2017) faz a aplicação das descobertas de Jenkins et al. (2013) ao usar o *Fan Fiction* como ferramenta auxiliar de leitura de Alice no País das Maravilhas com alunos do sétimo ano do ensino fundamental, colhendo resultados positivos, com maior engajamento com a leitura e grande expressividade dos alunos para com a obra, trazendo as personagens de Alice para sua própria vivência e realidade social.

Por outro lado, pesquisas como a de Plácido (2016) e Cavalcanti (2015) tentam classificar as produções do *Fan Fiction* como gêneros literários, embora seus resultados diverjam. Enquanto Plácido (2016) argumenta que se trata de uma forma *sui generis* de literatura, com sub-gêneros propostos pela comunidade, Cavalcanti (2015) coloca em questão a própria noção do *Fan Fiction* ser uma obra "amadora", posto a enorme dedicação e complexidade que os fãs colocam nessas obras. Para a autora, as obras de *Fan Fiction* compõem uma forma de literatura-arquivista que, de acordo com Derecho (2006), são obras derivadas mas que constroem uma super-malha textual para a obra de origem, não sendo assim, portanto, menos importantes.

Por fim, o terceiro eixo de pesquisa acadêmica tem como foco as relações sociais construídas pelas comunidades de fãs, como a obra de Alves e Lima (2016), que se baseia no conceito de Comunidade Discursiva de Swales (1990), para analisar as interações entre os integrantes, descobrindo, por exemplo, que grande parte dos produtores eram, inicialmente, apenas leitores. Eles se tornam produtores à medida que convivem com os outros integrantes e participam das discussões.

Entretanto, os três eixos apresentados neste sucinto estado da arte revelam um olhar ainda não tão abrangente, pois as pesquisas que tratam de experiências de usuários no processo de produção e interação não se interessam por suas produções e as de interesse educacional retiram as produções de seu ambiente natural – a comunidade de fãs – e as trazem para a sala de aula, incorporando a lógica própria da escola, como o controle do professor ao processo, a avaliação das produções, entre outras práticas. A nossa pesquisa, ao tomar como objeto empírico de estudo a comunidade *Nyah! Fanfiction* busca dirimir essa lacuna, por tratar a produção como indissociável das interações sociais. Ou seja, tratamos as histórias amadoras, os fãs e os produtos de mídia em uma teia de relações, nas quais as crenças, hábitos e ideias são colocados em fluxo. Nesse aspecto, justifica-se a pesquisa, por apresentar esse diferencial.

A comunidade que compõe a nossa pesquisa é uma das maiores do país, tanto em número de membros como em volume de produção. Para dar conta de analisarmos esse montante de interações e criações, lançamos mão de novas técnicas de coleta de dados na rede, de nossa própria construção, outro ponto de inovação de nosso trabalho. Nesse

sentido, a pesquisa vai ao encontro da concepção peirceana de ciência como algo que está em constante metabolismo e, portanto, que requer sempre a construção de novos métodos e técnicas de pesquisa. Por fim, o uso do conceito de “comunidade”, no sentido empregado pelo lógico americano C.S. Peirce – que embasa nossa pesquisa – permite analisar a comunidade *Nyah! Fanfiction*, para além do fato de contribuir para o letramento ou aumentar o consumo e a divulgação de produtos midiáticos.

Para tanto, tomamos como recorte do objeto as produções que envolviam o romance e a intimidade e, para entender como a comunidade discute e desenvolve esses conceitos, lançamos mão das teorias sobre a modernidade e a transformação do amor de Giddens (1993; 2002). A seguir, apresentamos, em linhas gerais, os procedimentos de coleta dos dados a serem analisados, reflexões sobre o amor e a comunidade, e a análise de uma peça produzida pela comunidade e seus desdobramentos dentro da mesma.

Outros aportes teóricos: Comunidade de Inquirição

Charles Sanders Peirce popularizou-se no meio acadêmico brasileiro principalmente na área da Semiótica, graças ao trabalho de pesquisadores como Lúcia Santaella (1993), Nöth (1995) e Ibri (2015). No entanto, a obra peirceana é muito mais ampla e aprofundada que meramente uma teoria dos signos. A exemplo de Kant e de filósofos clássicos que admirava, Peirce buscou estabelecer uma arquitetura filosófica, categorizando as ciências e os conhecimentos humanos, evidenciando suas relações e conexões. Para tratar brevemente do conceito de Comunidade de Inquirição, portanto, acreditamos ser necessário tomar como marco inicial do desenvolvimento desse conceito, atado ao pragmatismo e depois ao pragmaticismo, com o artigo “Sobre Uma Nova Lista de Categorias” (EP 1.1) - publicado pela revista *Proceedings of the American Academy of Arts and Sciences*, em 1968 -, fruto de dez anos de trabalho do filósofo e lógico e peça-chave para o seu sistema filosófico. Peirce é considerado o fundador da semiótica como uma ciência geral dos signos, ou seja, como uma ciência de todos os tipos possíveis de signos, sobre a qual se edifica a teoria dos métodos de investigação. “Dela decorre o pragmatismo, ou método para se determinar o significado dos conceitos intelectuais, e sobre ela está alicerçada a metafísica ou teoria da realidade, que não pode se expressar a não ser através da mediação dos signos” (SANTAELLA, 1993, p. 34).

O lógico norte-americano propõe que as coisas que podem ter sentido são aquelas conhecidas via categorias, que permeiam e guiam a semiótica. A qualidade ou sentimento, carente de relações, é chamada de *Firstness*, ou Primeiridade; a relação dual entre sujeito e objeto, o confronto com os fatos brutos, é a *Secondness* ou Secundidade; enquanto a relação triádica da representação é “a designação de algo como algo para

uma consciência interpretativa” (APEL, 1997, p. 45), que constitui o que Peirce chamou de *Thirdness*, ou Terceiridade (CP 1.369-372).

Desta forma, Peirce (CP 5. 310) ata o conceito de realidade ao conceito de cognoscibilidade, de forma que aquilo que não é cognoscível, não pode ser real. “O real, portanto, é aquilo o que, cedo ou tarde, finalmente resultaria de toda informação e toda razão, e que, portanto, é independente das nossas divagações” (CP 5.311).

Com a definição de real como o cognoscível, Peirce (CP 5.311) ainda esclarece que “a própria origem da concepção de realidade mostra que essa concepção essencialmente envolve a noção de uma COMUNIDADE, sem limites definitivos, e capaz de propiciar um crescimento positivo do conhecimento”. A comunidade vislumbrada por Peirce, uma comunidade de inquirição, precisa ser real, capaz de se comunicar por signos e de atualizar as categorias Primeiridade, Secundidade e Terceiridade.

Para Peirce (EP 1.30), a inquirição sempre acontece sobre um fundo de crenças tidas como certas. Ele explica que o astrônomo que deseja investigar como uma determinada estrela se formou, ele não só toma como certo que existe um mundo externo e que a estrela pertence a ele, como também confia que nosso conhecimento de Astronomia, Química e Física está mais ou menos correto, ou seja, as fórmulas, as medições, o comportamento dos elementos, além da veracidade das medições e instrumentos estão mais ou menos corretos. Sendo assim, o papel dessas crenças é fundamental e o método filosófico proposto pelo autor não poderia existir sem sua presença.

Essa Comunidade de Inquirição, também chamada comunidade de filósofos ou comunidade de cientistas, conforme Peirce (EP 1.29), exerce papel central no pragmatismo inicial, pois ela é determinante para que a inquirição alcance uma verdade. Assim, de acordo com Peirce (5.265), “individualmente não podemos razoavelmente esperar atingir a filosofia última que perseguimos, podemos apenas buscá-la para a comunidade de filósofos”, o que significa que a verdade pode ser alcançada pela troca de experiências e argumentos no grupo.

A insatisfação de Peirce, conforme consta em EP 2.2, com os trabalhos desenvolvidos ao redor de seu pragmatismo, acabaram por forçá-lo a abandonar o termo e cunhar um novo, que descreveria sua versão mais madura e ampliada do método: pragmaticismo. Infelizmente, nem o próprio Peirce gostava do termo, que encontrou grande dificuldade em ser aceito. Assim sendo, o conceito de comunidade inicialmente proposto por Peirce também tem uma sutil, porém significativa mudança. Na comunidade de inquiridores que Peirce havia proposto, a verdadeira importância não estava em querer acreditar, mas em querer alcançar a verdade. Dessa maneira, segundo

Peirce (EP 2.47), “há somente uma única coisa necessária para aprender a verdade, que é um desejo sincero e ativo de aprender o que é verdadeiro”, de onde postulou a corolária: “não bloqueie o caminho da inquirição” (EP 2.48), exaltando a busca perene por conhecimento, questão primordial da comunidade de inquiridores.

As crenças, concepções e conceitos carecem de fluir em uma Comunidade de Inquirição. Nesse sentido, embora o local pertinente seja o que Peirce denomina de Universidade, podemos pensar na possibilidade de que elas, em maior ou menor grau, possam se atualizar em comunidades de pessoas, ou de outras mentes ainda que não somente a dos pesquisadores, mas das pessoas, via de regra, que necessitam desenvolver suas crenças, mantendo-se vivas.

Para Peirce, o conhecimento se desenvolve por um ciclo de dúvida, estado incômodo de desconhecimento que leva à inquirição, uma busca pelo estado de crença. Ao obter uma crença capaz de sanar a dúvida inicial, voltamos a uma mentalidade de tranquilidade e satisfação. Com o tempo, nossas crenças transformam-se em hábitos, que guiam nossas ações. No entanto, esse processo não ocorre apenas isoladamente e para que o conhecimento avance, é preciso que haja uma comunidade de inquiridores, que coloquem suas crenças em debate, estendendo o processo da inquirição e gerando novas dúvidas, novas crenças e novos hábitos. Nessas comunidades, não ocorre apenas um amálgama das habilidades e conhecimentos dos membros, mas sim um verdadeiro embate capaz de transformar as crenças de seus participantes.

Com isso, vamos tentar avaliar em que medida o *Nyah! Fanfiction* se faz como Comunidade de Inquirição. Finalmente, para completar a análise, referenciamos as histórias aos tópicos que deram-lhes origem, seja por recomendação, encomenda ou divulgação, e comparamos os debates nos tópicos com as histórias referenciadas, visando entender como os conceitos apresentados nos tópicos são incorporados nas histórias.

Análise da obra “Uma Nova Lenda” de Kaline Bogard

A obra intitulada “Uma Nova Lenda” é de autoria de Kaline Bogard e surge no tópico iniciado em 6 de março de 2017, classificado como Relevante, subcategorizado como Recomendação de História (por pedir obras já publicadas), com as seguintes restrições:

- PEDIDO DE FIC de Harry Potter
- Harry e Gina baseado nos livros
- Harry e Hermione baseado nos filmes
- Harry e Draco em universo alternativo

Apenas terminadas

Esse tópico ilustra alguns dos pontos mais interessantes do universo do *Fan Fiction*. O membro da comunidade especifica seus *One True Pairings*, seus casais favoritos, mas os separa por mídia: pelos livros, deseja o OTP “cânone”, aquele que a própria autora J.K. Rowling construiu na narrativa original. Nos filmes, a personagem Gina teve uma participação menor em tela que a deuteragonista Hermione Granger e muitos fãs preferem a interação/relação de Harry e Hermione ao casal cânone da película (que é Harry e Gina). Mais interessante ainda, o tópico apresenta uma alternativa que não foi explorada nem está presente no universo Harry Potter original: um *One True Pairing* homossexual. Por fim, o membro deseja histórias “terminadas”. No *Nyah!*, assim como no *Fan Fiction* em geral, as histórias são publicadas em ritmo de folhetim, ou seja, partes do texto (os capítulos) são publicados um por vez, com variável espaço de tempo entre eles. Uma história relativamente longa (as chamadas *longshots* pela comunidade) pode levar meses, ou até mesmo anos para ser concluída.

“Uma Nova Lenda” é uma dessas *longshots*. Com dezenove capítulos, 13.687 palavras, foi iniciada em 2011 e finalizada apenas 4 meses depois. Kaline, a autora, é particularmente respeitada dentro da comunidade, sendo parte da equipe de administração do site e uma das fundadoras do *Nyah! Fanfiction*, em 2005. No Facebook, ela também é parte da equipe administrativa, tendo o poder de expulsar membros que desrespeitam as regras, e apagar definitivamente tópicos considerados inapropriados. Como autora, Kaline é particularmente prolífica, tendo produzido (até a realização desta pesquisa), mais de 150 histórias, quase sempre envolvendo romances homossexuais masculinos.

Pelo padrão de classificação literária disponível no site, “Uma Nova Lenda” é um romance (e, portanto, interessante para a nossa pesquisa), mas também é aventura, ação, comédia e yaoi¹. Embora não haja essa opção de classificação no site, ela também é chamada pelos membros de “Universo Alternativo” (UA), por utilizar as personagens de um produto de mídia em um contexto diferente da obra original. Kaline substitui o universo fantástico de magos e feitiços de Harry Potter por uma ficção de piratas, porém com elementos fantásticos: os navios flutuam no ar, realizando batalhas aéreas, enquanto magias e poções ainda fazem parte da narrativa. Alguns elementos clássicos da história original são repaginados: a sinistra rua “Travessa do Tranco” torna-se um *pub*

¹ Yaoi, assim como “Nyah!”, são palavras japonesas, mais utilizadas por outra comunidade, a de fãs de cultura oriental. “Yaoi” refere-se ao romance homossexual masculino, e é uma das categorias disponíveis no *site* do *Nyah!*.

de pouca reputação, o Ministério da Magia (órgão que rege e controla o universo mágico britânico) torna-se uma espécie de Marinha, sempre à caça de bucaneiros, enquanto o vilão Voldemort é um maligno e infame pirata, oposto aos “bons piratas” do Basilisco Alado, o grupo de heróis da trama.

Com foco na ação e na aventura, o romance surge em fragmentos que permeiam toda a obra, que serpenteia por três eventos distintos: no presente, o capitão pirata Harry Potter e seu pequeno bando de marujos obtém ilegalmente um artefato mágico, o Mapa do Maroto, capaz de mapear em detalhes qualquer localização aonde estiver fisicamente presente – instrumento que possibilitaria Harry de encontrar o traidor que entregou seus pais para a morte, e executar sua vingança; no passado – retratado pelas lembranças do capitão – os piratas invadem prisões estabelecidas por Voldemort e libertam seu prisioneiros, momento em que Harry encontra-se pela primeira vez com Draco Malfoy; ao final, depois de desistir de sua vingança, Harry dirige o bando à uma nova missão: encontrar os quatro artefatos mágicos capazes de abrir Hogwarts, local onde um tesouro os espera.

No início da história, Draco é descrito como uma jovem mulher loira de grande beleza e sensualidade, que exerce forte atração, inclusive sobre o próprio Harry Potter, que a vê como “uma tentação”, como se lê no texto. A fim de roubar o Mapa do Maroto, Draco usa uma poção mágica capaz de fazê-lo assumir uma forma feminina, possivelmente usando seus “dotes” para seduzir e enganar o portador do artefato. Embora Harry se divirta com a situação inusitada, é evidente o seu desejo, e também o de seus próprios companheiros, pela mulher, o que desperta o ciúme e a possessividade do protagonista.

Giddens (1993) demonstra que esse desejo incontrolável pelo outro é característico da primeira e mais antiga forma de amor, por ele chamada *amour passion* ou amor apaixonado. Tal sentimento é “marcado por uma urgência que o coloca à parte das rotinas da vida cotidiana, com a qual, na verdade, ele tende a se conflitar” (Giddens, 1993, p. 48). Nesse relacionamento, completamente esmagado pela presença invasiva do amante, os apaixonados sentem-se incapazes de viver sem o outro. Tal relação conflitante faz com que as barreiras sociais sejam desafiadas e os costumes sejam ignorados, o que leva Giddens (1993, p. 48), a concluir que, “sob o ponto de vista da ordem e do dever sociais, ele é perigoso”. Essa característica desviante do amor apaixonado é apresentada nos flashbacks do passado, que permeiam a narrativa: o bando do Basilisco Alado invade e destrói uma prisão ilegal, libertando Draco. Embora a preocupação com a homofobia esteja ausente na narrativa, Draco e Harry têm posições sociais distintas, agravadas pela atividade ilegal e status de procurado pela justiça do

capitão. Ainda assim, ambos decidem iniciar um relacionamento, incapazes de resistirem à atração um pelo outro. Efeito característico deste tipo de amor, como descrito por Giddens (1993), é o intenso desejo sexual entre os amantes, e o relacionamento de Harry e Draco, no início da narrativa, é pontuado pela atração sexual entre eles, que constrange Draco. Harry decide guardar uma foto de Draco em sua versão feminina, ao que o rapaz “corou ainda com expressão emburrada” e responde acusando o namorado de ser um “perverso”. Draco, entretanto, também mantém sentimentos possessivos e arrebatadores pelo capitão: no encontro de Draco com a personagem Ginny, Harry descreve o evento como “duas quimeras brigando pelo território”. Ginny também demonstra ter traços do amor apaixonado por Harry, de forma que Draco sarcasticamente comenta que a garota “entra no cio toda vez que ele [Harry] está por perto”.

A atração física, entretanto, não é o único aspecto da reação entre Harry e Draco. Giddens (1993) relata que o amor apaixonado não estava relacionado ao casamento (na verdade, o aspecto explosivo e desviante desse amor o coloca, frequentemente, em oposição ao matrimônio socialmente imposto), mas o casamento tinha forte função social na Europa pré-Moderna. Por meio deste, famílias nobres elevavam seu status social ou, entre mercadores, construía relações de negócios, enquanto, para os camponeses, era uma forma de organizar a força de trabalho agrário ou de artífice. A paixão não tinha lugar nessa estrutura, sendo relegada aos relacionamentos extraconjugais, como relata Mitterauer e Sieder (1982), ao ponto de casados, na França e na Alemanha do século XVII, raramente trocaram carícias e sinais de afeto, como beijos.

A liberdade sexual feminina era maior entre os grupos aristocráticos, revela Giddens (1993), pois as mulheres nobres podiam perseguir seus apetites sexuais mais ou menos abertamente, com seus amantes. Entretanto, histórias sobre o terrível destino que recaí sobre os que procuram relacionamentos duradouros com esses amantes faziam parte dos mitos dessas sociedades, como o próprio Romeu e Julieta.

O amor romântico, como chamado por Giddens (1993), surge a partir do final do século XVIII, diferenciando-se do amor apaixonado reservado aos relacionamentos extraconjugais, conforme o gênero literário do romance foi tomando forma. Dessa linha narrativa, o romance “Pamela ou A Virtude Recompensada”, de Samuel Richardson é, para Watt (2001), uma das maiores influências do gênero. A história, calcada nos ideais puritanos, se desenvolve no estilo epistolar para dar vez ao relacionamento da criada Pamela com seu patrão, que tenta incansavelmente seduzi-la. Ao rejeitar seus avanços sexuais e proteger sua virtude, Pamela se mostra diferente das outras mulheres e o patrão decide casar-se com ela. Sua ascensão social, por meio do casamento, e a

docilidade capaz de domar o espírito violento e inquieto do homem tornaram-se as características principais do gênero romântico e características do amor apaixonado, proposto por Giddens (1993).

Posteriormente, o trabalho de Lorde Byron em “Don Juan” desenvolveu, segundo Wilson (1972), o denominado herói byroniano, que se tornaria fundamental nos romances a partir do século XVIII: imperfeito, impulsivo e agressivo, ele mantém características do amor apaixonado ao dar pouca atenção às normas sociais, rompendo a tradição do casamento político e estabelecendo uma relação de proteção e carinho com sua amada, que a retira de sua vida comum e a alça à posição de sua esposa. Por outro lado, a heroína consegue, através de sua generosidade, paciência e feminilidade, conquistar o coração hostil do herói, diminuindo o antagonismo entre eles com sua devoção. Assim, “a heroína amansa, suaviza e modifica a masculinidade supostamente intratável do seu objeto amado, possibilitando que a afeição mútua transforme-se na principal diretriz de suas vidas juntos” (GIDDENS, 1993, p. 57).

O amor romântico, para Giddens (1993), está calcado em uma promessa para o futuro, caracterizado pelo avanço gradual da intimidade: ao invés da explosão sensual do amor apaixonado, os amantes primeiro se conhecem, estabelecem seu compromisso pelo namoro, o confirmam no noivado, selam no matrimônio, e então partem para a constituição da família, a próxima geração e assim por seguinte, sempre guiados por uma expectativa de realização amorosa cada vez mais elevada. Esse também é um dos aspectos principais do romance entre Harry e Draco durante a narrativa, que desenvolvem planos para o futuro e intensificam seu relacionamento em etapas discretas: depois da atração inicial, começam a namorar – etapa que ocupa a maior parte da narrativa --, encerrando a história com indícios que selariam o relacionamento com um noivado e casamento.

Draco confessa que teme o vilão Voldemort, mas que o único “porto seguro” de sua vida é o amado, o que pode ser constatado pelo diálogo: “Draco percebeu o que ia falar e calou-se sem completar a frase fazendo Harry sorrir de lado. Intuíu o que ele diria --- O único lugar seguro...? Seria ao meu lado...?”.

Com essa dependência emocional de Draco ao amante, Harry tem dificuldades para desenvolver uma relação igualitária com ele. Ora o trata como uma propriedade, quando a autora escreve “Não que ele fosse ciumento. Apenas cuidava do que era seu”, ora toma decisões unilaterais de excluir o namorado de situações perigosas, quando diz: “Decidi que seria mais do que um capitão para Malfoy. [...] Decidi que seria seu protetor”. A fragilidade física e emocional de Draco (recém liberto da prisão) força Harry a assumir

a posição de seu cuidador e guardião, posição que tenta manter mesmo depois do amado estar recuperado do período do cativo.

A aventura, foco da trama, é permeada pela transformação desse amor romântico rumo a um novo patamar de intimidade. Harry passa a aceitar o uso dos poderes mágicos de Draco, quando antes temia igualar-se a Voldemort por aproveitar-se dessa magia, atitude que feria silenciosamente o amado. Harry reforça que Draco não é “uma aberração” por ter tais poderes, mas só abre mão de seus hábitos ao receber do amado uma definição de amor bem distinta do sensual amor apaixonado ou do protetor amor romântico: “você não pode aceitar apenas uma parte de mim e tentar ignorar o resto”. Diante disso, Harry confessa seus sentimentos pelo namorado e inicia seu desenvolvimento rumo a um relacionamento mais igualitário: “eu te amo, Draco. Não tento ignorar nada que tenha relação com você. Esse te deixa feliz, então faça”.

Giddens (1993) nomeia esse terceiro tipo de relacionamento como amor moderno, ou ainda amor puro. Pureza, aqui, não remete ao ideal puritano da castidade, mas o aponta como:

[...] uma situação em que se entra em uma relação social apenas pela própria relação, pelo que pode ser derivado por cada pessoa da manutenção de uma associação com outra, e que só continua enquanto ambas as partes considerarem que extraem dela satisfações suficientes, para cada uma individualmente, para nela permanecerem (GIDDENS, 1993, p. 68-69).

Essa forma de amor não surge espontaneamente, mas é resultado do longo processo de transformação da sociedade ocidental, passando pela libertação sexual feminina, dos avanços dos direitos dos homossexuais e, como descreve Giddens (1993), da transformação da própria noção de casamento. Ora, se antes o matrimônio implicava a transferência da mulher da guarda do pai para a do marido, na sociedade moderna a mulher reconquista seu papel social, deixando a casa paterna para viver de seu próprio trabalho. Liberdade, em graus variáveis, das expectativas de se casarem e atarem seu propósito de vida à formação e manutenção do lar, Giddens (1993) vê nessas primeiras mulheres as pioneiras de uma reestruturação da vida íntima, trocando as narrativas sobre o casamento pela busca por um relacionamento.

Outros pioneiros dessa nova forma de relacionamento, conforme Giddens (1993), são os casais homossexuais, antes apagados nos relacionamentos românticos, que desbravam o campo dessa reestruturação da intimidade. O autor utiliza os estudos de Jamielson (1999), Dunne (1997), Kurdek (1993) e Weston (1991) sobre o grande número de separações entre casais homossexuais para demonstrar uma das principais características desse amor moderno: à contramão do romântico, o amor puro é

igualitário, em que ambas as partes podem tomar decisões sobre os rumos do relacionamento sem se submeterem ao outro – daí decorre o grande número de separações observado. Relacionamentos modernos são mais efêmeros, graças ao que Giddens (1993; 2002) define como uma das características da modernidade: a reflexividade.

Na construção da modernidade, os antigos modos de vida entram em colapso: o tempo natural dá lugar ao tempo artificial do relógio, as distâncias se perdem diante da velocidade dos novos veículos e o imediatismo das formas eletrônicas de comunicação, e as tradições dos antepassados pouco nos orientam sobre como vivermos nessa nova organização social. Assim, Giddens (2002) aponta que a última ferramenta que nos resta para tráfegarmos por esse novo mundo é a reflexividade, o incessante questionar e reavaliar de nossas decisões. O relacionamento moderno é, portanto, guiado pela reflexividade, sendo constantemente repensado conforme os amantes vão também se transformando. Giddens (1993) demonstra que até mesmo o sexo é ressignificado nessa nova forma de intimidade, perdendo o papel animalesco da pura atração sexual do amor apaixonado e a função reprodutora do amor romântico, tornando-se uma ferramenta de expressão e comunicação entre os amados – daí vindo a designação do amor como “puro”, isso é, o amor vivido na sua presentidade e intensidade, em oposição ao olhar voltado ao futuro do amor romântico.

Harry e Draco caminham em direção a esse novo amor, redescobrimo até mesmo o que os faz amar. O capitão percebe que não tem apenas atração física por Draco, mas também porque “[...] seu gênio singular o divertia, sua personalidade era difícil e cativante”. Ao aceitar inteiramente Draco, inclusive seus poderes mágicos, a obsessão e possessividade dão lugar ao entendimento e respeito pelo espaço do outro, e inclusive muda os rumos da aventura: ao atracarem no ponto final da jornada, a prisão de Azkaban, Harry prioriza o amado à vingança que o motivara até ali, “vingança não valia a pena, se fosse para trocar pela vida de alguém que amava”, e assim descobre que o traidor que perseguia, na verdade, era inocente. Essa reflexividade acaba por salvar a vida do prisioneiro Sirius e torna Harry um capitão melhor, capaz de tratar de maneira igualitária seus subordinados, inclusive preferindo primeiro cuidar dos tripulantes feridos e só depois conversar com Draco, atitude completamente oposta ao comportamento que exibia no início da história.

Como duas metades se encaixando, a obra termina de maneira similar ao prólogo: Draco novamente está disfarçado como uma voluptuosa loira em um perigoso *pub*, em busca de outro artefato raro. Entretanto, a relação entre eles não é mais a mesma: Harry não tem mais o ciúme obsessivo de antes, nem tenta proteger Draco à toda custa. Ambos

firmam um relacionamento saudável de amor moderno, capaz de enfrentar o novo desafio de encontrar as quatro chaves de Hogwarts, uma provável continuação da trama em outro Fan Fiction.

Passemos, por fim, a considerar os interpretantes vinculados à trama. Para tanto, tomamos tanto os comentários do tópico original (que indicou Uma Nova Lenda como uma boa história de romance) como as impressões deixadas por membros da comunidade *Nyah! Fanfiction* no campo de comentários da história. Foram 118 mensagens deixadas na obra, sendo os mais recentes publicados em 2017, mesma época de nosso levantamento dos dados, demonstrando que a obra ainda estava viva na mente dos membros do Nyah! mesmo seis anos após sua publicação.

Para classificar esses comentários, lançamos mão das definições de Santaella (1993), baseada nos escritos de semiótica de Peirce sobre os Interpretantes Dinâmicos, ou efeitos práticos de um signo sobre uma mente (CP 4.536). Considerando que “Uma Nova Lenda” é, em si, um signo, seus efeitos podem ser na seara da Primeiridade (qualidade, devir, sentimento), Secundidade (ação-reação, esforço físico ou mental) ou Terceiridade (reflexão, generalização, conexão). Ao primeiro tipo, Peirce chama Interpretantes Emocionais, ao segundo, Interpretantes Energéticos, e ao terceiro, Interpretantes Lógicos. Assim classificamos os comentários deixados sobre a história.

Interpretantes emocionais, entretanto, são raros nos comentários e se restringem ao carinho pelas personagens e suas caracterizações, como em “adoro quando o Harry é o pervertido tarado que faz o Draco ceder a cada uma de suas vontades!”, “eu simplesmente adoro esse Harry possessivo e ciumento”, “esse loirinho [Draco] é meu”, além de comentários que elogiam diretamente a autora como “ah, adoro sua fic!”.

Os interpretantes lógicos são os mais abundantes, posto tratar-se de uma obra de aventura cheia de cenas de ação e os leitores extravasam sua aflição com os desdobramentos, principalmente quando um capítulo termina em meio a alguma situação perigosa e aparentemente sem escapatória, como é traduzido no comentário “como é eu você me para nesse momento crucial? O loiro não pode sofrer porque eu sofro junto e fico com vontade de azarar [usar um feitiço maligno contra] a atora malvadinha”. Similarmente, “por favor que nada de mal aconteça com Draco... Senão alguém sofrerá... Estou roendo as unhas aqui” e “depois do Draco quase falar que o único lugar seguro seria ao lado do Harry eu desisti da vida. Por que esses OTPs ficam me fazendo sofrer?”.

Entretanto, a comunidade de leitores também deixou alguns comentários classificados como interpretantes lógicos. Alguns refletem sobre a própria estrutura e ambientação da história, por ser um Universo Alternativo, com apenas conexões com a

obra original: "quero saber o que tanto Harry procura, tenho a impressão que quer irar certo cachorro de sua prisão, mas é só uma ideia", "eu acho muito legal como você fez com que a personalidade do Draco e do Harry continuasse as mesmas, mas que tenha ainda m romance no ar, adoro isso nessa história" e "deu pra perceber que tem mesmo muito clichê, pq Draco de mulher [...] ficou insosso e péssimo". As decisões das personagens também fazem emergir interpretantes lógicos como em "finalmente o Harry percebeu que vingança não leva a nada.... Ela sempre traz tristeza e mais tristeza, um precipício sem fim" e "vingança somente traz rancor e ódio... Justiça soa melhor", além da própria evolução do relacionamento das personagens: "o Draco todo todo 'tu não manda em mim não o guri com cicatriz' ahahahaha", "Draco não iria deixar Harry sozinho em Azkaban, o que significa que o loirinho ama muito o Harry" e "o Draco não é nenhuma mocinha indefesa".

A partir desses interpretantes mencionados, podemos constatar que, mesmo em uma história em que o amor não é o tema principal, a história produz efeitos em nuances de primeiridade, secundidade e terceiridade propriamente ditas, levando à reflexões que, no decorrer da semiose, podem levar à transformações de hábitos quanto ao amor e à intimidade.

Considerações finais

O potencial criativo dos produtores ou o potencial das histórias para aprimorar os conhecimentos da língua, o fato de ser um fã e participar desse processo pode trazer contribuições para a aprendizagem da língua, da literatura, ou ainda, o fato de, com a internet, as comunidades de fãs se tornarem um modelo de prática pedagógica, que integra ao ensino as novas tecnologias, podem ser objetos de estudo em comunidades de fãs.

No entanto, há um aspecto diferenciado que pode agregar maior importância a tais comunidades para as práticas socioculturais e que carece de novas interpretações. Trata-se do fato de que tais comunidades podem aproximar-se de uma comunidade de inquirição, não por primar pela atualização e crescimento de conceitos científicos, mas por mostrar que as pessoas comuns, no caso não cientistas ou filósofos, que compõem essas comunidades, buscam compreender como os relacionamentos amorosos, no caso explorado nesse artigo, podem se tornar razoáveis, tentando romper com aspectos de modelos não mais pertinentes, em algum modo, à contemporaneidade.

Com suas histórias, os fãs-escritores podem explorar suas concepções sobre o amor e utilizar as vivências das personagens para pôr à prova suas dúvidas e crenças relativas a esse sentimento. O leitor, por sua vez, pode apreciar os novos

desdobramentos de um livro, um filme ou outro produto midiático, bem como avaliar e criticar as atitudes e crenças dos personagens em situações que não estão presentes na obra original. Nessas comunidades, não ocorre apenas um amálgama das habilidades e conhecimentos dos membros, mas sim um verdadeiro embate capaz de transformar as crenças de seus participantes.

A partir desse romance, os fãs exercitam a reflexividade própria da modernidade, como teorizada por Giddens, na qual a tradição e o costume dão espaço à exploração e à dúvida. No romance, entrelaçam-se manifestações do amor apaixonado, do romântico e do puro, ambiência propícia à reflexão sobre a transformação do amor e da intimidade, o que pode contribuir para que os fãs redimensionem suas crenças relativas ao amor. Os fãs podem refletir sobre o amor, a intimidade, mas também sobre o papel da mulher na sociedade, a convivência familiar e as transformações da adolescência, colocando em movimento tanto as suas crenças como as da própria comunidade que, juntos, buscarão soluções razoáveis ou, talvez, um final feliz para seus queridos personagens.

Referências

- ALVES, Ludmilla Modesto; LIMA, Sóstenes César de. Análise da comunidade discursiva leitora e escrita de Fanfictions. ANAIS - Seminário de Pesquisa, Pós-Graduação, Ensino e Extensão do CCSEH – SEPE O cenário econômico nacional e os desafios profissionais, v. 1, n. 1, p. 1–44, 2016.
- APEL, Karl-Otto. El camino del pensamiento de Charles S. Peirce. Madri: La balsa de la Medusa, 1997.
- BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BLACK, Rebecca. Adolescents and Online Fan Fiction. Nova York: Peter Lang, 2008.
- CAVALCANTI, Larissa. Leitura nos gêneros digitais: abordando as fanfics. Anais do III Simpósio Hipertexto e Tecnologias da Educação, v. 1, n. 1, p. 1–15, 2015.
- DERECHO, Abigail. Archontic Literature: A Definition, a History, and Several Theories of Fan Fiction. //: Fan Fiction and Fan Communities in the Age of the Internet. 1. ed. Jefferson: McFarland & Co., 2006.
- DUNNE, G. Lesbian Lifestyles: Women's Work and the Politics of Sexuality. London: MacMillan, 1997.
- FIDELIS, Ana Cláudia Silva; AZZARI, Eliane Fernandes. Literatura, Ciberliteratura e a formação de Alunos-Leitores: diálogos com o cânone e a ficção de fãs. Cadernos de Letras da UFF Dossiê: Línguas e culturas em contato, v. 1, n. 1, p. 547–565, 2016. (53).
- GIDDENS, Anthony. A transformação da intimidade: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.
- GIDDENS, Anthony. Modernidade e identidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2002.
- IBRI, Ivo Assad. Kósmos Noetós: A arquitetura filosófica de Charles S. Peirce. 1. ed. São Paulo: PAULUS Editora, 2015.

- JAMIELSON, Lynn. Intimacy transformed? A critical look at the “pure relationship”. *Sociology*, v. 33, n. 3, 1999.
- JENKINS, Henry; KELLEY, Wyn; CLINTON, Katie; *et al* (Orgs.). Reading in a participatory culture: remixing Moby-Dick in the English classroom. New York; London: Teachers College, Columbia University, 2013. (Language and literacy series).
- KURDEK, L. The Allocation of Household Labour in Gay, Lesbian, and Hetero- sexual Married Couples. *Journal of Social Issues*, v. 1, n. 49, p. 127–140, 1993.
- MELO, Uilma Matos dos Santos. Práticas de leitura literária, no ambiente escolar, em face da cultura da convergência. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- MITTERAUER, Michael; SIEDER, Reinhard. *The European Family*. Oxford: Blackwell, 1982.
- NÖTH, Winfried. *Panorama da Semiótica: de Platão a Peirce*. São Paulo: Annablume, 1995.
- PEIRCE, Charles S. *The Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Vol. I-VI. C. Hartshorne et P. Weiss (eds.), Vol. VII-VIII Arthur Burks (ed.). Cambridge: Harvard University Press, 1931-1958. Referenciado como CP, seguido do número do volume, ponto, e número do parágrafo.
- PEIRCE, Charles S. *The Essential Peirce*. Vol I-II. N. Houser et C. Kloesel (eds.). Bloomington: Indiana University Press, 1992-1998. Referenciado como EP, seguido do número do volume, ponto, e número da página.
- PLACIDO, Carlos Eduardo de Araujo. Gêneros e Subgêneros Fanficcionalis. *Rehutec*, v. 5, n. 1, p. 179–191, 2016.
- SANTAELLA, Maria Lucia. *A percepção: uma teoria semiótica*. São Paulo: Experimento, 1993.
- SWALES, John M. *Genre analysis: English in academic and researching settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- WATT, Ian. *The rise of the novel*. Berkeley: University of California, 2001.
- WESTON, K. *Families We Choose: Lesbians, Gays, Kinship*. Nova York: Columbia University Press, 1991.
- WILSON, James D. Tirso, Molière, and Byron: The Emergence of Don Juan as Romantic Hero. *Studies by Members of SCMLA*, v. 32, n. 4, p. 246–248, 1972.

ABSTRACT:

This paper aims to make explicit how love is updated in romances produce by fans from Nyah! Fanfiction, as well as to evaluate if such community can be configured as a Community of Inquiry. We present reflections upon the concept of Community of Inquiry, proposed by Peirce, and upon the transformations of intimacy in contemporaneity, with Gidens, which permeate the analysis of a romance by content analysis, according to Bardin. The analyzed romance amalgamates specificities of passionate, romantic and pure love and, thanks to the interaction emprehended in the community, fans can resize their beliefs about love.

KEYWORDS: Fan Fiction; Community of Inquiry; Love; Semiosis; Content Analysis.

RESUMEN:

Este artículo tiene como objetivos explicitar como el amor se actualiza en novelas que producen los fans de Nyah! FanFiction, y también evaluar si tal comunidad se configura como una Comunidad de Averiguación. Presentamos reflexiones sobre el concepto de Comunidad de Averiguación, que propuso Peirce y sobre las transformaciones de la intimidad en la contemporaneidad con Giddens, las cuales también permean el análisis de una novela vía un análisis de contenido, según Bardin. La novela que se analiza se amalgama con especificidades del amor apasionado, romántico y puro, y debido a la interacción que se emprende en la comunidad, los fans pueden re(significar) sus creencias relativas al amor.

PALABRAS-CLAVES: Fan Fiction; Comunidad de Averiguación; Semiótica; Análisis de contenido.